

TEXTO PARA DISCUSSÃO V. 31
SÉRIE 1 - GESTÃO DA CONSERVAÇÃO URBANA

A PÁTINA NA CIDADE

Silvio Mendes Zancheti
Aline de Figueirôa Silva
Flaviana Barreto Lira
Anna Caroline Braga
Fabiana Gonçalves Gameiro



Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada

Missão

O CECI tem como missão promover a conscientização, o ensino e a pesquisa sobre a conservação integrada urbana e territorial dentro da perspectiva do desenvolvimento sustentável. Suas atividades são dirigidas para a comunidade técnica e acadêmica brasileira e internacional

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Silvio Mendes Zancheti
Tomás Lapa
Ana Rita Sá Carneiro
Roberto Araujo
Virgínia Pontual

CONSELHO FISCAL

Natalia Vieira
Fátima Furtado
Norma Lacerda

DIRETORIA

Jorge Eduardo Tinoco
Mônica Harchambois
Flaviana Lira
Juliana Cunha

Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada

Rua Sete de Setembro, 80
Olinda – PE
53020-130 – Brasil
Tel/Fax.: (55 81) 3429-1754
textos@ceci-br.org
www.ceci-br.org

Texto para Discussão

Publicação com o objetivo de divulgar os estudos desenvolvidos pelo CECI nas áreas da Gestão da Conservação Urbana e da Gestão do Restauro.

As opiniões emitidas nesta publicação são de responsabilidade exclusiva dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada.

É permitida a reprodução do conteúdo deste texto, desde que sejam devidamente citadas as fontes. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

Editores

Gestão da Conservação Urbana

Silvio Mendes Zancheti

Gestão de Restauro

Jorge Eduardo L. Tinoco

Identificação do Patrimônio Cultural

Virginia Pontual

CONSELHO CIENTÍFICO

Tomás Lapa
Ana Rita Sá Carneiro
Fernando Diniz Moreira
Norma Lacerda
Luis de La Mora
Roberto Araújo
Renata Cabral
Natalia Vieira
Rosane Piccolo
Magna Milfont
Eveline Labanca
André Renato Pina

FICHA BIBLIOGRÁFICA

Autores: Silvio Zancheti, Aline de Figueirôa Silva, Anna Caroline Braga, Fabiana Gonçalves Gameiro, Flaviana Barreto Lira

Título: A PÁTINA NA CIDADE

Editora: Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada

Tipo da publicação: Textos para Discussão n. 31 – Série Gestão da Conservação Urbana

Local e ano de publicação: Olinda, 2008

ISSN: 1980-8267

A PÁTINA NA CIDADE[♦]

Sílvio Mendes Zancheti, Aline de Figueirôa Silva, Flaviana Barreto Lira, Anna Caroline Braga e Fabiana Gonçalves Gameiro

Resumo

Este artigo propõe uma reflexão no âmbito da conservação urbana, tomando como objeto de discussão a pátina, entendida como o efeito deixado pela passagem do tempo nas superfícies exteriores dos elementos urbanos e nas práticas sociais. A pátina é importante para a percepção do valor de antigüidade porque ela remete à percepção da passagem do tempo pela idéia de envelhecimento e decaimento. Primeiramente, o artigo traça uma evolução do conceito, desde o plano físico-químico, sendo a pátina tanto uma ação quanto um efeito causado nas tintas e metais, até uma abordagem crítica, uma vez que a pátina resulta em alterações do objeto, cujo tratamento estará condicionado aos valores que este agrega. A segunda parte propõe uma ampliação do conceito, chegando-se ao entendimento de que a pátina se manifesta na cidade em duas dimensões – a físico-material e a imaterial – e em duas escalas – da cidade e do lugar. Finalmente, a terceira parte discute as possibilidades de tratamento da pátina nos processos de revitalização urbana, a partir das noções de permanência e transformação, ações contínuas e ações episódicas. Chega-se ao entendimento de que em função da capacidade de regeneração da pátina, é imprescindível que as ações de revitalização e reabilitação urbana a considerem, buscando equilibrar as modificações. Por isso, ao se intervir em áreas antigas, cuja pátina torna-se parte inerente de sua identidade, deve-se tentar graduar no tempo as transformações, inevitáveis aos usos contemporâneos, de modo que a pátina possa se regenerar nas superfícies antigas e surgir na superfície dos novos elementos. de permanência e transformação, ações contínuas e ações episódicas.

Palavras chave: pátina, restauro, conservação urbana

Introdução

O presente artigo trata-se de uma breve discussão a respeito do entendimento das formas como a pátina se manifesta na cidade nas suas dimensões material e imaterial. A pátina é entendida como efeito deixado pela passagem do tempo nas superfícies exteriores dos elementos urbanos e nas práticas sociais ou cotidianas.

A pátina é fundamental para a percepção do valor de antigüidade porque ela remete à noção da percepção da passagem do tempo e à idéia de envelhecimento e decaimento.

O artigo se estrutura em três itens. O item um traça uma evolução do conceito de pátina, primeiramente limitado a um plano físico-químico e posteriormente tratado no

[♦] Uma versão modificado deste texto foi apresentada no XII Congresso da Associação Brasileira de Conservadores e Restauradores de Bens Culturais "Preservação do Patrimônio Cultural - Gestão e Desenvolvimento Sustentável: Perspectivas" realizado entre os dias 28 de agosto a 01 setembro de 2006 na cidade de Fortaleza (CE).

plano crítico. O segundo item busca transcender o entendimento do conceito de pátina para o âmbito da cidade e, por fim, o item três discute as possibilidades de tratamento da pátina nos processos de revitalização urbana.

1. O que é pátina

Para desenvolver essa discussão parece oportuno fazer uma incursão no conceito de pátina, partindo do seu primeiro registro publicado, em 1681, no dicionário de Baldinucci. Segundo o autor, a pátina trata-se de “um termo usado por pintores, denominada por outros de pele ou crosta, isto é, aquele genérico tom escuro que o tempo faz aparecer em pinturas” (Baldinucci *apud* Weil, 1996). Na apreciação de Weil (1996), o uso de Baldinucci para o termo indica que ele veio a se referir genericamente aos efeitos do tempo e apenas mais tarde foi aplicado a tais efeitos em objetos metálicos.

Do significado original, referente a uma determinada ação que ocorre em certo objeto, a pátina evoluiu como um conceito físico-químico para designar a oxidação das tintas pela ação do tempo e sua transformação gradual ou a camada esverdeada de carbonato de cobre que se forma sobre estátuas e medalhas de bronze (Foto 01), causando-lhe alterações, acepção que não aparece na definição de Baldinucci.



Foto 01: Pátina sobre uma estátua de bronze, Wuppertal-Alemanha, 2005.
Fonte: Acervo dos autores.

Desse modo, a pátina passa a expressar duas noções: uma que se refere à ação do tempo sobre determinado objeto e outra que diz respeito ao resultado dessa ação no objeto, isto é, a pátina aparece tanto como a causa, quanto como o efeito. É utilizada como um conceito relativo aos metais (esculturas e medalhas) e às tintas (pinturas), que pode ser perseguida pelos pintores, caracterizando uma espécie de pátina intencional. Esse fato justifica a classificação de Weil (1996), que distingue dois tipos de pátina enquanto ação: a pátina natural (genuína) e a pátina artificial (patinação). O autor ainda explicita outra questão: a pátina como efeito pode ser ornamental, ou seja, pode agregar valor estético a um objeto, ou destrutiva, por se formar à custa da sua própria substância.

A compreensão da pátina como algo negativo normalmente decorre do fato de ela ser símbolo de antigüidade. Por esta razão, mesmo que de forma inconsciente, é comum ser traçada uma analogia com o tempo de vida humana, em que a beleza está relacionada à juventude e a feiúra ao envelhecimento. As metáforas utilizadas para descrever o

decaimento são as mesmas que descrevem as fragilidades e doenças humanas: “a fadiga dos metais, o envelhecimento dos vidros, objetos que necessitam de primeiros socorros, diagnóstico e tratamento” (Lowenthal, 1985).

Por outro lado, ainda segundo o entendimento de Lowenthal (1985) acerca da pátina natural, o envelhecimento e a degradação confirmam as antigüidades e as adornam. A antiga pátina dos bronzes, por exemplo, atestam tanto a sua antigüidade quanto a sua genuinidade. A pátina do tempo pensada como algo também estético estava presente na visão dos venezianos que defendiam o tempo como algo que melhorava as cores de uma pintura; os pintores pós-renascentistas davam as boas-vindas aos efeitos da pátina; os escultores, às incrustações escuras dos seus bronzes e os arquitetos, à suavidade das pedras *intemperizadas*. Tratando especificamente do efeito da pátina na arquitetura, Dechartre (*apud* Carbonara, 1988) defendia que se respeitasse tudo aquilo que os séculos haviam juntado pouco a pouco (...). Fazer desaparecer isso é um anacronismo (...). É um delito cancelar as marcas sucessivas que ficam na pedra (...). As pedras novas talhadas segundo um velho estilo são falsos testemunhos.

O entendimento da pátina artificial como prática que procura reproduzir o efeito causado pela ação do tempo foi apropriado pela “indústria *kitsch* de pátina”, a qual procede “colagens desses valores simbólicos em diversos objetos e da maneira mais barata possível”, motivo pelo qual se fala em aplicar ou cobrir de pátina (Wetering, 1996). De fato, a pátina emerge como “símbolo, um sinal de que algo é antigo, digno de respeito” (Wetering, 1996). Seja natural, seja artificial, trata-se, pois, de um conceito circunscrito ao plano físico-químico, na medida em que a pátina altera as propriedades físicas do objeto, visíveis na superfície, isto é, altera a imagem, e que decorre de reações químicas pelas quais passa o material. Em suma, até aqui se chega à compreensão da pátina como ação, que pode ser natural ou artificial e como resultado, que pode ser ornamental ou destrutiva. Uma vez que a pátina leva a alterações do objeto, a discussão atinge outro nível, prescindindo de uma abordagem crítica (Philippot, 1996). E são os valores agregados ao objeto que irão condicionar o seu tratamento.

Primeiramente, a pátina pode ser o efeito em um determinado bem que tem apenas valor de uso, como, por exemplo, as manufaturas: um carro ou um eletrodoméstico. Citando Lowenthal (1985), “um carro enferrujado, uma máquina de lavar corroída, um colchão cheio de bichos, um papel de parede descascando provoca desgosto geral”. Nesse caso, o único procedimento para o tratamento da pátina parece ser o da limpeza ou remoção, ou seja, a retirada da pátina para o correto funcionamento do objeto, que agrega somente um valor de uso.

Em segundo lugar, esse efeito pode ocorrer em uma obra de arte, que expressa um valor artístico e um valor histórico. Se esta se tratar de obra de arte utilitária, como a arquitetura, agrega, além do valor artístico e histórico, um valor de uso. Então, de que modo comportar-se diante da pátina? Como operar o conceito no plano artístico e histórico e, se for o caso, ainda considerando o valor de uso? Brandi (2004), em sua Teoria da Restauração, oferece uma forma de abordagem. Para ele, a pátina, como registro histórico, *a priori* deveria ser mantida em qualquer circunstância. Do ponto vista artístico, a decisão estaria condicionada a um juízo de artisticidade, isto é, a pátina deve ser conservada até o ponto em que não altere a imagem da obra de arte. A solução de Brandi (2004) está, no entanto, circunscrita à bipolaridade estético-histórica através da qual desenreda sua teoria.

A pátina, porém, novamente citando Weil (1996), “é avaliada como um indicador da idade”. Desse modo, até que ponto ela deveria ser conservada? Dizendo de outro modo, a pátina revela, além de um valor artístico e histórico, um valor de antigüidade, citando a denominação cara a Riegl (1999). Segundo o autor, o valor de antigüidade se descobre à primeira vista pela aparência não-moderna do objeto e essa oposição ao presente se manifesta melhor na imperfeição, na ausência do caráter original e em uma tendência à erosão da forma e da cor; é um valor perceptível por todos, não apenas por especialistas.

Essa noção, entretanto, já estava enraizada na obra de Ruskin (1989), que se empenhava em favor da preservação da arquitetura para além de seu caráter utilitário e estético, isto é, extrapolando a sua condição de obra de arte destinada à fruição e a uma função utilitária. Ao advogar em favor da preservação da arquitetura como obra antiga antes da condição de obra de arte, e, ao defender que a maior importância de um edifício antigo estava em transmitir para as diversas gerações as marcas nele deixadas pelo tempo, intervindo ao mínimo na sua aparência antiga, Ruskin (1989) já moldava o valor de antigüidade, que só teria essa designação mais tarde, chegando a escrever: “a glória de uma edificação não está em suas pedras ou no ouro que possa conter. Sua glória está em sua idade”.

Mas, transcendendo o plano dos objetos utilitários e das obras de arte para o da cidade, como proceder à manutenção da pátina? Ou, antes mesmo de tentar responder a essa questão, o que é e como se dá a percepção da pátina na cidade? Essa é a matéria do próximo item.

2. O que é pátina na cidade

A cidade é um artefato cultural complexo e multifacetado, produto da superposição de camadas temporais, manifestas em sua estrutura física. É um dos objetos mais apropriados pelo homem, cenário dos avanços e mudanças da sociedade e agrega valores de uso, histórico, de antigüidade, de arte e tantos outros quantos cada cidadão na sua vivência cotidiana a ela atribuir. Nas palavras de Peixoto (1996), a cidade é uma “sobreposição de inúmeras camadas de material, acúmulo de coisas que se recusam a partir (...) horizontes de pedra, onde o mais moderno convive com a decadência, o futuro com a antigüidade. Um solo arcaico, juncado de vestígios e lembranças”. Por ser o grande depositário das realizações materiais e imateriais do homem ao longo da história, a cidade, em seus edifícios, ruas e bairros e também nas suas manifestações culturais, materializa o valor de antigüidade e a idéia de envelhecimento e decaimento, fundamentais para identificar a passagem dessas realizações humanas pelo tempo. É precisamente nesse ponto que se situa a importância da marca deixada pela pátina na cidade.

A cidade pode ainda ser entendida como um conjunto de lugares – produtos das relações sociais constituídos por uma rede de significados tecidos pela cultura civilizadora ao longo da história (Carlos, 1996). O espaço transforma-se, pois, em lugar, na medida em que adquire significados atribuídos pelo homem, conferindo-lhe uma identidade (Tuan, 1983; Carlos, 1996).

O conceito de lugar, por agregar essa dimensão histórica produzida pela sobreposição e/ou justaposição das relações sociais nele e com ele desenvolvidas, passa a ser parte inerente das discussões de pátina na cidade. Heath (2001) já aponta uma relação entre pátina e lugar ao conceituá-la como uma gradual apropriação dos objetos por uma

cultura local, gerando um processo de alteração de significados dados com o tempo por meio da sobreposição dos ajustes humanos cumulativos, que ocorrem em resposta às forças sociais, econômicas e tecnológicas, diferenciando assim um local de outro. Isso também leva à conclusão de que a pátina é um processo dinâmico, pois, ao ser retirada, ela se regenera e, por esta razão, é imprescindível que as ações de revitalização e reabilitação urbana a considerem, buscando equilibrar as modificações, de modo a possibilitar a sua regeneração nas superfícies antigas e a sua incorporação gradativa nos novos elementos. Desse modo, a relação entre pátina e lugar é indissociável e é ainda mais latente naqueles lugares onde sua identidade é diretamente caracterizada pelo valor de antigüidade. Nestes, a manutenção da pátina faz-se fundamental para a percepção dos diversos momentos pelos quais passou o lugar e para a visualização do valor de antigüidade.

O lugar seria o bairro, a praça, a rua, ou seja, uma área da cidade vivida e reconhecida pelos usuários (Carlos, 1996) através de seus aspectos físico-materiais, como a configuração dos espaços públicos, a forma do mobiliário urbano, as fachadas, a vegetação e os materiais de revestimento; e de seus aspectos imateriais, como as práticas sociais ou cotidianas. Desse entendimento, resulta que a pátina se manifesta na cidade nessas duas dimensões: a físico-material e a imaterial.

Na dimensão físico-material, a pátina está vinculada à aparência ou configuração exterior dos elementos urbanos relacionados ao envelhecimento. Por um lado, essa percepção se dá pelo reconhecimento do decaimento das superfícies de ruas, praças, fachadas e mobiliário urbano, provocado pelo desgaste mecânico e pelo acúmulo de resíduos resultantes do intemperismo e do uso contínuo (Fotos 02 a 04).



Foto 02: Pátina sobre a superfície de uma fachada, Ouro Preto-Brasil, 2005.
Fonte: Acervo dos autores.



Foto 03: Pátina sobre a superfície de uma rua, Ouro Preto-Brasil, 2005.
Fonte: Acervo dos autores.



Foto 04: Pátina sobre a superfície de uma escadaria, Salvador-Brasil, 2005.
Fonte: Acervo dos autores.

O decaimento não é a destruição nem um estado estacionário, mas, um processo crescente e contínuo (Piper *apud* Lowenthal, 1985). Por outro lado, também se reconhece a pátina na configuração dos espaços, ou seja, nas formas e tipos associados ao antigo (Foto 05).



Foto 05: Pátina resultante das formas e tipos antigos, Ouro Preto-Brasil, 2005.
Fonte: Acervo dos autores.

Pode-se ter um exemplo elucidativo dessa percepção da pátina ao se observar uma edificação decaída e pertencente a um estilo do passado: caso seja restaurada, continua revelando a pátina pelo seu estilo antigo, porém, não mais pelo seu decaimento (Fotos 06 e 07).



Carbonara (1990), ao tratar a pátina na dimensão físico-material, afirma que “as superfícies são sem dúvida também ‘locais de degradação’, até mesmo das degradações mais impetuosas quando se pensa nos fenômenos da poluição atmosférica. Mas não é justo, por isso, esquecer, como acontece com frequência que se trata também de um ‘lugar de testemunho histórico’ (pelos seculares sinais do tempo e do agir humano) e de um lugar que se não mais artístico – por causa da gravidade dos danos súbitos – pelo menos estético, pelos valores pitorescos, figurativos, que vem resumidos sobre o nome de patina”.

Nessa dimensão, a pátina se revela em duas escalas: a da cidade e a do lugar. Na escala da cidade, o que permite apreender a pátina são as diferentes configurações dos lugares entre si, representativas das diferentes épocas de evolução urbana. No caso de uma cidade concebida e construída em um só momento, como a capital modernista do Brasil, Brasília, a pátina resulta apenas de um decaimento homogêneo das superfícies, sem, no entanto, revelar a passagem do tempo pela diferença entre a configuração de um lugar relativamente a outro (Foto 08). Todavia, é importante ressaltar que essa escala é meramente abstrata, fruto de uma comparação mental entre as partes da cidade, já que essa visão abrangente só seria possível ao se contemplá-la do alto.



Foto 08: Cidade modernista de Brasília, capital do Brasil, que não revela a pátina pela diferença entre a configuração dos lugares, 2005. Fonte: Acervo dos autores.

Na escala do lugar, a pátina é mais visível no decaimento das superfícies (Fotos 02 a 04 e Foto 06), mas também, nos diferentes estilos das fachadas e do mobiliário urbano, como bancos, luminárias e gradis (Fotos 09 a 11).



Fotos 09 e 10: Pátina reconhecível nos diferentes estilos das fachadas e do mobiliário urbano. À esquerda, Colônia-Alemanha e à direita, Aachen-Alemanha, 2005. Fonte: Acervo dos autores.

Quando se identifica que um certo lugar é caracterizado pelo valor de antigüidade na escala da cidade, espera-se que, ao vivenciá-lo na escala do lugar, este apresente decaimento. Caso isso não ocorra, tem-se uma sensação de estranhamento uma vez que, citando Lowenthal (1985), “não é um ponto de vista incomum que antigos edifícios devam parecer antigos (Fotos 12 e 13). Diferentemente das pessoas, é esperado que os edifícios ganhem com o processo de envelhecimento, e isso faz parte das qualidades que admiramos neles – eles terem sua história escrita em suas faces”.



Foto 12: Pátina reconhecível na escala da cidade. Ouro Preto-Brasil, 2005.



Foto 13: Estranhamento provocado pelo não-decaimento das fachadas, Ouro Preto-Brasil, 2005.

Na dimensão imaterial, a percepção da pátina está vinculada às práticas sociais, as quais são produtos gerados por princípios coletivos duráveis, historicamente construídos através de um processo cotidiano de experiências e ajustes (Bourdieu, 1989; De Certeau, 1994). A percepção da pátina se dá, nessa dimensão, pela manutenção das práticas sociais antigas relacionadas a um lugar, tais como: procissões, blocos de carnaval, vendedores ambulantes, pessoas sentadas nas calçadas e disposição de vasos nas janelas, marcantes nas cidades brasileiras. Por estarem relacionadas ao lugar, as práticas sociais melhor revelam a pátina nessa escala, e não na escala da cidade. Numa procissão, por exemplo, a pátina resulta da manutenção dos ritos, do percurso, dos cânticos e das preces que a caracterizam.

Segundo Mário Sette (1978), “não vemos apenas o rosto da cidade, mas também seu espírito (...) Ademais, existe em cada cidade (...) uma impregnação toda peculiar, como um aroma pessoal, que os anos não destroem (...) O seu rosto, o seu cheiro, as suas cores, os seus sons! (...) há nela um sentido que transcende o mero núcleo civilizado para atingir as raias de um templo de nós mesmos (...) Em cada rua destas (...) viveu também alguém que nos precedeu no mundo (...) Essa procissão que sai todas as quaresmas (...) eles a viram também como nós a vemos, eles ouviram os mesmos sinos, carregaram os mesmos barandões, adoraram a mesma imagem”.

Todavia, deve-se ressaltar que esta distinção entre a dimensão físico-material e a dimensão imaterial para a percepção da pátina é tão somente didática, pois os elementos materiais evocam uma percepção do imaterial, como o degrau desgastado pelo uso em uma igreja que remete à passagem de diversas gerações por esse local, e os aspectos imateriais necessitam de uma base física para se realizarem.

3 O tratamento da pátina na cidade

Considerando a cidade como objeto patrimonial, com base na teoria do restauro crítico de Brandi, em princípio, a pátina deveria ser mantida. Nos sítios históricos, a manutenção do valor de antigüidade é imprescindível para a sua identidade e autenticidade. Nesses lugares, a pátina é um elemento de percepção das características do próprio sítio, fundamental a ser mantido. Mas, a cidade também é um objeto de uso. Então, como balancear as mudanças necessárias ou decorrentes dos usos contemporâneos e o valor patrimonial relativo à pátina? E quais as formas de manutenção da pátina? Essas são questões fundamentais a serem tratadas quando se intervém em lugares cuja identificação se dá por seu valor de antigüidade.

Antes de buscar responder a essas questões, é importante compreender que a pátina na cidade está associada a dois fatores: permanência e transformação. As dinâmicas dadas pela passagem do tempo e pelas intervenções do homem podem favorecer a permanência ou produzirem a transformação dos lugares. Por permanência se entende a manutenção das características físico-materiais e imateriais do lugar e da cidade. Por transformação, entende-se as mudanças de uso, fachadas, materiais e práticas cotidianas que alteram os aspectos através dos quais a pátina se manifesta. Quanto maior a permanência maior será a pátina, e quanto maior, a transformação menor será a pátina.

Alguns fatores tanto internos como externos aos fenômenos urbanos garantem a sua permanência ou produzem uma transformação. Uma comunidade que mantém uma continuidade das suas tradições e formas de habitar e viver ligadas ao passado, por exemplo, favorece a permanência de suas características e conseqüentemente a

manutenção da pátina. A sua vez, a grande reforma portuária e urbanística ocorrida no Bairro do Recife no início do século XX, que tinha como um dos objetivos apagar os vestígios da arquitetura colonial e dar ares de modernidade ao bairro, substituindo também os seus usuários originários, trabalhadores portuários, moradores, pequenos comerciantes, por pessoas de classes mais abastadas, pode ser tomado como exemplo de transformação, contrário ao caso anterior. O resultado desta reforma foi a ruptura de uma permanência, e conseqüentemente da pátina, manifesta tanto na dimensão material (edifícios) quanto imaterial (práticas cotidianas) do lugar, ainda não recuperada quase um século depois.

As ações de reabilitação e revitalização urbana são, portanto, instrumentos de transformação que podem se dar como uma ação contínua ou como uma ação episódica. As ações contínuas são aquelas que ocorrem dentro da dinâmica própria do lugar, também chamada de *intemperismo cultural* (Heath, 2001). As ações episódicas são pontuais, sem continuidade e descontextualizadas, podendo produzir transformações abruptas nos lugares, apagando assim a pátina. É, portanto, imprescindível que todas as ações estejam sempre associadas a um julgamento crítico que considere o grau de remoção da pátina e a sua possibilidade de recomposição. É fundamental estabelecer um processo de intervenção episódica que se pareça o máximo possível com um processo de transformação contínuo, respeitando a dinâmica interna do lugar.

O processo de revitalização é uma ação episódica, mas é possível inserir as transformações necessárias ao curso da vida da cidade, de forma que a pátina e as características do lugar sejam mantidas desde que se dêem de forma gradual. Neste processo, dentro da dimensão imaterial, é importante manter algumas atividades antigas e incorporar os novos atores e usos para que seja dada uma nova dinâmica à área, de modo que as novas atividades produzam uma melhora na qualidade das atividades antigas e que a pátina daquelas antigas possa penetrar nas novas, mantendo a continuidade das características e vivências do lugar.

Já na dimensão físico-material, deve-se evitar rupturas no processo de constituição da pátina ou procurar minimizá-las para que aquela possa ser retomada. É, portanto indesejável que a restauração das edificações se dê de uma só vez sobre todo o conjunto que compõe o sítio histórico, mas, que as intervenções dos edifícios ocorram por partes e dentro de um espaço de tempo necessário para a reconstituição da pátina.

É importante também minimizar as transformações nas superfícies, evitando que sejam inseridos elementos novos que não se compatibilizem com o processo de envelhecimento do entorno, como, por exemplo, o uso de vidro e materiais novos nos quais a superfície não consegue se integrar ao processo de envelhecimento do entorno (Fotos 14 e 15).



Fotos 14 e 15: Superfícies em vidro que não se integram ao envelhecimento do entorno, Salvador-Brasil e Aachen-Alemanha, 2005. Fonte: Acervo dos autores.

Deve-se tratar todas as instâncias que dizem respeito à pátina: a escala do objeto em relação ao lugar e a cidade, bem como as dimensões físico-material e imaterial. Não se deve valorizar apenas o aspecto físico-material ou imaterial, pois uma das instâncias será corrompida. Caso seja retirada toda a pátina da superfície das edificações em uma intervenção e os usos sejam mantidos, estará se criando um cenário. Por outro lado, caso seja mantida a pátina das superfícies e transformado o uso, estar-se-ia alterando a identidade do lugar.

As transformações nas cidades são inevitáveis, assim, devem ser balanceadas em todas as formas de manifestação da pátina. Não se pode desconsiderar as atualizações que a vida contemporânea exige nas edificações e tecido históricos, mas para intervir nessas áreas é imprescindível considerar os aspectos e dimensões em que a pátina se manifesta. É uma decisão, portanto, que deve ser tomada caso a caso ao se analisar tais dimensões.

Conclusão

O presente artigo inicialmente propôs-se a ampliar o conceito de pátina, comumente associado às instâncias materiais das superfícies das pinturas, esculturas e edifícios, para a escala da cidade. E, ao propor essa ampliação do conceito para um artefato multifacetado e complexo como a cidade, chegou-se ao entendimento de que a pátina também se manifesta na dimensão imaterial, por meio das práticas cotidianas ou sociais.

A pátina é o elemento que leva à percepção do valor de antigüidade. A variável chave para a pátina é o tempo; ela só existe com a sua passagem. De acordo com a constatação de que a pátina é um processo dinâmico, pois, ao ser retirada, ela se regenera e é imprescindível que as ações de revitalização e reabilitação urbana a considerem, buscando equilibrar as modificações. Por isso, ao se intervir em áreas antigas, cuja pátina torna-se parte inerente de sua identidade, deve-se tentar graduar no tempo as transformações, inevitáveis aos usos contemporâneos, de modo que a pátina possa se regenerar nas superfícies antigas e surgir na superfície dos novos elementos.

Por outro lado, as transformações que ocorrem nas áreas antigas da cidade, onde o processo de revitalização é uma ação episódica, sem continuidade e descontextualizada, podem produzir mudanças abruptas nos lugares, apagando a pátina. Assim, chama-se mais uma vez a atenção para que todas as ações devam estar sempre associadas a um julgamento crítico que considere o grau de remoção da pátina e a sua possibilidade de

recomposição. Deste modo, é necessário que os processos de intervenção episódica se pareçam o máximo possível com o processo de transformação contínuo, respeitando a dinâmica interna do lugar.

A pátina é, inegavelmente, uma diretriz a ser considerada nos processos de revitalização que não podem se limitar a uma ação de repor os objetos como novos e dar novos usos aos lugares, apagando os vestígios deixados pela ação do homem e da natureza ao longo dos anos. A pátina deve ser considerada para que os lugares não percam sua identidade, autenticidade e historicidade e para que a cidade não deixe de aparentar sua principal característica: ser o grande depositário das realizações materiais e imateriais do homem ao longo da história.

Referências

- BOURDIEU, Pierre 1989. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Difel.
- BRANDI, Cesare 2004. Teoria da Restauração. Cotia: Ateliê Editorial,. [Tradução do original Teoria del Restauro, publicado em 1963. Tradutora: Beatriz Mugayar Kühl].
- CARBONARA, Giovanni 1990. Restauro fra conservazione e ripristino: note sui piu' attuali orientamenti di método. Rivista di Storia dell' Architettura e Restauro, n. 6, p. 43-76, Luglio-Dicembre,. Roma: Istituto Poligrafico e Zecca Dello Stato Libreria Della Stato, 1990.
- _____. 1988. Restauro e colore della citá: unproblema da rivedere. Rivista di Architettura e Restauro, n. 1-2, p. 35-52, Anno XI. Roma: Multigrafica Editrice,.
- CARLOS, Ana Fani Alexandri 1996. O lugar do/no mundo. São Paulo: Hucitec,.
- DE CERTEAU, Michel 1994. A invenção do cotidiano. Livro 1: Artes do fazer. Rio de Janeiro: Vozes,.
- GARCÍA, José Manoel Barros 2001. La Pátina: visión actual del concepto. R & R: Restauración & rehabilitación, N. 48, , p. 70-75, ill.
- HEATH, Kingston Wm. 2001. The patina of place: The cultural weathering of a New England industrial landscape. The University of Tennessee Press,.
- LOWENTHAL, David 1985. The past is a foreign country. Cambridge: Cambridge University Press,.
- MANNONI, Tiziano 1966. Qualsiasi degrado fa parte della storia dell'edificio. In: Dal sito archeologico all' archeologia del costruito: conoscenza, projeto e conservazione. Atti Del Convegno di studi Bressanone. Arcádia, Padova, , pp. 1, 10.
- MARCONI P.,1984, Consenza storica e projeto. Bollettino D'arte. Supplemento al n. 35-36, pp59-63.
- PEIXOTO, Nelson Brissac 2004. Paisagens urbanas/Nelson Brissac Peixoto. 3. ed. São Paulo: Senac,.
- PHILIPPOT, Paul 1996. The Idea of Patina and the Cleaning of Paintings. In: PRICE, N. S.; TALLAEY, M. K.; VACCARO, A. M. (Orgs.). Historical and Philosophical issues in the conservation of cultural heritage. Los Angeles: The Getty Conservation Institute,.
- RIEGL, Alöis 1999. El culto moderno a los monumentos. Madrid: Visor,.

- RUSKIN, John 1989. *The seven lamps of Architecture*. New York: Dover Publications,.
- SETTE, Mário 1978. *Arruar: História pitoresca do Recife antigo*. Recife: Governo do Estado de Pernambuco,.
- _____. 1992. São José, um dia na vida de um bairro. In: SOUTO MAIOR, Mário; DANTAS DA SILVA, Leonardo. (Orgs.). *O Recife: quatro séculos de sua paisagem*. Recife: Massangana: Prefeitura da Cidade do Recife,.
- TUAN, YI-FU 1983. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel,.
- WEIL, Phoebe dent 1996. A Review of the History and Practice of Patination. In: PRICE, N. S.; TALLAEY, M. K.; VACCARO, A. M. (Orgs.). *Historical and Philosophical issues in the conservation of cultural heritage*. Los Angeles: The Getty Conservation Institute,.
- WETERING, Ernst Van de 1996. The surface of Object and Museum Style. In: PRICE, N. S.; TALLAEY, M. K.; VACCARO, A. M. (Orgs.). *Historical and Philosophical issues in the conservation of cultural heritage*. Los Angeles: The Getty Conservation Institute,.